



TERRITÓRIO DA PALAVRA

artigos e cartas aos amigos

ANTÔNIO CAMPOS

só nós passamos.//Sem bem saber/nessa passagem/porque nos vamos.//Toda existência/é um ato único/de despedida.//Enquanto hóspedes/da ficção/chamada vida.//Não deixa o tempo/que aditemos/nossa partida//O que ganhamos/nos é tirado/pelo seu dono.//Não há recusa contra esse ato,/nem abandono.///Assim amamos,/assim vivemos:/o resto é sono.

Afinal,

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos (Fernando Pessoa).

O autor.

I – O AMOR, A VIDA E O TEMPO	15
DO AMOR	17
VIVER É RESISTIR	25
A MÁQUINA DO TEMPO	33
II – O DIREITO E A ADVOCACIA	39
CARTA A UM JOVEM ADVOGADO	41
A ARTE DE ADVOGAR	49
O JULGAMENTO DE CRISTO	55
III – No INÍCIO ERA A POESIA E TUDO ACABA EM LIVRO	61
A PAIXÃO PELOS LIVROS	63
O POEMA COMO ORAÇÃO	73
DOM QUIXOTE E O PÃO DO SONHO	79
PABLO NERUDA	85
IV – MOLDURA DE MINHA VIDA	91
O SOL DE PERNAMBUCO	93
GERAÇÃO 65	99
RAÍZES PERNAMBUCANAS	105

SUMÁRIO

V – ÁFRICAS	113
ESQUECER, NUNCA MAIS	115
VI – GUERRAS NO BRASIL	121
ARRAIAS DE CANUDOS	123
VII – A VIDA É UM ATO CONTÍNUO DE DESPEDIDA	131
SONATA DE UMA SAUDADE	133
O GUERREIRO DO POVO	141
A CORAGEM INVICTA	149
VIII – O AUTOR	157
BREVE FORTUNA CRÍTICA	159
DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS	161



O amor, a vida e o tempo

*Ó Amor! Sois a asa que Deus
deu à alma, para subir até ele!*

(Michelangelo)

O amor que move o sol, como as estrelas.

(Dante Alighieri)

DO AMOR

A Luís Felipe e
Marco Antônio Campos,
filhos amados.

NADA DE HUMANO ME É ESTRANHO, mas também *nunca devemos aceitar por inteiro o alheio – eis a regra do Rei*, no dizer de Guimarães Rosa.

Três sentimentos tenho de grande significado na vida: o amor, a fé e a esperança.

Então, pediram-me para falar sobre o amor. Talvez o amor seja um tema muito batido, mas, por isso mesmo, é renovável.

Assim, peço a paciência e a atenção de vocês, caros amigos e leitores, para falar mais um pouco sobre o grande tema da vida, que, a meu ver, é o amor. As guerras, inclusive as que já existem e as que se avizinham, a fome, a violência, o terrorismo, são diferentes sinônimos ou diferentes faces da palavra desamor no mundo.

Todos os grandes iluminados da história estavam ligados a ações vinculadas ao amor, como Jesus Cristo, Buda, Madre Tereza de Calcutá, Martin Luther King, Gandhi, entre outros.

A definição clássica de amor é muito associada a sentimento, mas ele significa também respeitar o próximo, procurar o melhor de cada pessoa.

O jurista italiano Francesco Carnelutti já dizia que o Direito é um triste substitutivo do amor. Quando o amor e a compreensão entre os homens cessam, nasce o Direito para dirimir os conflitos entre os homens.

O psicanalista Erich Fromm, no seu livro *A Arte de Amar*, afirma que: *o amor é a única resposta sadia e satisfatória para o problema da existência humana*. Carlos Drummond de Andrade, que é autor de *Amor pois que é a palavra essencial* e *Amar se aprende amando*, diz: *amor, a descoberta de sentido no absurdo de existir*.

Amo, logo existo, diz o poeta argentino Horácio Ferrer.

Khalil Gibran, em sua obra *O Profeta*, disse que *o trabalho é o amor feito visível*.

Na Medicina, Patch Adams, no filme *O Amor é Contagioso*, ensina-nos que o grande remédio é o amor.

O grande Amadeus Mozart, compositor austríaco, de quem se festeja no ano de 2006 dois séculos e meio de nascimento, diz-nos: *nem uma inteligência inusitada ou grande imaginação, nem ambas juntas fazem um gênio. Amor, amor, amor é a alma do gênio*.

Eça de Queiroz disse que *a missão da arte é ensinar a amar*.

A primeira carta de São Paulo aos Coríntios, cap. 13, na Bíblia, intitulada *O Amor é o Dom Supremo*, apregoa-nos que: *ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor [...] nada serei*.

Henry Drummond, em seu *Dom Supremo*, que é uma releitura desta Carta de São Paulo, diz-nos com grande sabedo-

ria, que o amor é a regra-síntese. A regra que resume todas as outras regras e mesmo as doutrinas. E diz mais: *quem nunca amou, é porque o espírito de Deus nunca nele habitou.*

Jesus Cristo, esse enlouquecido de amor pela humanidade, sintetiza o seu pensamento neste mandamento: *amai-vos uns aos outros assim como eu vos amei.*

O veio central das escrituras é o amor. Na realidade, o cristianismo é um grande espetáculo do amor. E aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor.

Uma vez alguém me disse que o amor não existia. De pronto respondi que se ele não existisse nós o criaríamos e com o sopro de nossa criação ele teria vida e forma.

E o amor entre um homem e uma mulher? Isabel Allende, no início do seu livro *De Amor e de Sombra*, conta a estória de um homem e uma mulher que resolveram amar-se plenamente e libertar-se dessa vida vulgar. E eles – diz ela – contaram-lhe a sua estória para que ela a testemunhasse e para que o vento não a levasse.

Gabriel Garcia Márquez, o Gabo, em *O Amor nos Tempos do Cólera* e nas *Memórias de Minhas Putas Tristes*, mostra que o amor não tem idade e pode explodir/acontecer na maturidade. Neste último, encontra-se a seguinte frase: *o sexo é o consolo que a gente tem quando o amor não nos alcança.*

O amor é a possibilidade da revolução a dois. Se você tiver amor, você não morrerá de sede no mar da vida.

Marco Antonio e Cleópatra immortalizaram o seu amor na antiguidade. Tristão e Isolda tiveram um lendário amor na

Idade Média. Romeu e Julieta se amaram até a morte. León e Sônia Tolstói; Evita e Juan Perón, Sissi e o Imperador Francisco José; Giuseppe e Anita Garibaldi são também exemplos amorosos. O amor revolucionário de Sartre e Simone de Beauvoir. John Lennon e Yoko Ono viveram interessante interdependência alguns anos atrás.

Miguel de Unamuno, no entanto, adverte:

O amor, leitores e irmãos meus, é o que há de mais trágico no mundo e na vida; o amor é filho do engano e pai do desengano; o amor é consolo no desconsolo, é a única medicina contra a morte, sendo, como é, irmão dela. [...] O amor busca com fúria, através do amado, algo que está além deste e, como não acha, desespera.

O filme *2046- Segredos do Amor* do cineasta chinês Wong Kar Wai, retrato da parcialidade do erotismo contemporâneo, tenta passar a mensagem do fim da plenitude, da inteireza. Para ele, o verdadeiro amor é impossível. Assim, só o amor impossível é o verdadeiro amor, ou melhor, só o parcial existe e nos excita. A incompletude é a única possibilidade humana. Contudo, em que pese o brilhantismo dessa visão do cineasta de Hong Kong, a própria história e a grande arte negam essa impossibilidade.

Tudo o que sei sobre o amor é que ele é tudo. Só o amor vence a morte. *É o amor, e não a vida, o contrário da morte* (Cléo e Daniel, Roberto Freire).

Só o amor tem a chave da vida para desvendar o grande mistério da existência humana. Os que trilharam verdadeiramente esse caminho atingiram a iluminação.

Isso tudo pode parecer óbvio, mas é difícil de aceitar e aplicar em nossas vidas.

Neste início de um novo milênio, marcado pela insanidade da guerra e pelas incertezas de uma grave crise econômica e também de valores, insistimos em renovar as nossas esperanças de que o homem, finalmente, descubra a força transformadora do amor, através de ações solidárias para com os seus irmãos. Afinal, quando formos julgados seremos pelas ações para com nossos semelhantes.

Deus permitiu que eu visse, à minha maneira, que o grande tema da vida é o amor. É possível que, desde então, o meu entendimento sobre a vida, no lugar de ficar resolvido, tenha-se tornado um mistério, mas o meu espírito, finalmente, logrou ficar mais próximo da paz.

Vencer é a própria capacidade de resistir.

(Maximiano Campos)

Resistir é uma forma de ação hoje.

(Leandro Konder)

VIVER É RESISTIR

À Ana, minha mãe.

NESTA ÉPOCA CHAMADA DE PÓS-UTÓPICA ou *era das ilusões perdidas*, na qual os grandes ideais foram implodidos, marcada por uma forte crise de identidade do homem da modernidade, tem sobrado pouco espaço para se falar da existência e do propósito da vida.

A história nos ensina que os séculos se parecem uns com os outros e que, a não ser a inovação de instrumentos técnicos, o homem permanece o mesmo. Os sentimentos e os desejos se repetem ao longo da história: de glória, de amor, de dinheiro, de poder.

Atualmente, mascaramos a idéia da morte com a supervalorização do corpo e das sensações para não refletirmos sobre o fim da consciência social. Os ideais transcendentais cederam lugar ao imediatismo do prazer, da forma física, da juventude, da beleza, do materialismo.

Alexis de Tocqueville, em sua obra *A Democracia na América*, escreveu estas páginas premonitórias sobre esse individualismo exacerbado:

Quero imaginar sob quais novos traços o despotismo poderia se produzir no mundo: vejo uma

multidão incontável de homens semelhantes e iguais que giram incessantemente em torno de si mesmos para obter prazeres pequenos e vulgares com os quais preenchem sua alma. Cada um deles, em separado, é como um estranho ao destino de todos os outros: seus filhos e seus amigos particulares formam para ele toda a espécie humana; quanto ao resto dos concidadãos, está ao lado deles, mas não os vê; ele os toca, mas não os sente; só existe em si mesmo e para si mesmo, e, se bem que ainda tenha uma família, pode-se dizer pelo menos que não tem mais pátria.

A res publica, escreve Gilles Gipovetsky (in *L'ère du vide*, ed. Gallimard):

[...] desvitalizou-se, e as grandes questões filosóficas, econômicas, políticas ou militares despertam aproximadamente a mesma curiosidade desenvolvida que qualquer notícia de jornal; todas as 'alturas' afundam pouco a pouco, arrastadas na vasta operação social de neutralização e banalização. Apenas a esfera privada parece sair vitoriosa dessa onda de apatia; cuidar da saúde, preservar sua situação material, livrar-se de seus 'complexos', esperar pelas férias: viver sem ideal, sem finalidade transcendente, tornou-se possível.

Vivemos uma era de contradições e incertezas. As gerações se julgam fadadas a refazer o mundo. Agora, talvez a nossa tarefa seja ainda maior: impedir que o mundo não se desfaça.

O *Inferno de Dante* é um reflexo pálido dos horrores das guerras, da fome, das catástrofes, dos ódios e incompreensões de nossa era.

E qual será o caminho? O escritor Italo Calvino, em *As Cidades Invisíveis*, dá-nos uma pista:

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe é aquele que já está aqui no qual já vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagens contínuas: tentar saber quem e o quê, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

Como ele diz: é preciso abrir espaço para um mundo mais fraterno e mais justo.

Nikos Kazantzakis nos inquieta sobre o mistério da vida:

Por uma só coisa anseio: aprender o que se esconde atrás dos fenômenos; desvendar o mistério que me dá a vida e a morte; saber se uma presença invisível e imota se esconde além do fluxo visível e incessante do mundo.

Pergunto e torno a perguntar, golpeando o caos: quem nos planta nessa terra sem nos pedir licença? Quem nos arranca da terra sem nos pedir licença? Sou uma criatura fraca e efêmera, feita de barro e sonhos. Mas sinto em mim o turbilhonar de todas as forças do Universo.

Antes de ser despedaçado, quero ter um instante para abrir os olhos e ver. Minha vida não tem outro objetivo. Quero achar uma razão de viver, de suportar o terrível espetáculo diário da doença, da fealdade, da injustiça e da morte. Vim de um lugar obscuro, o Útero; vou para outro lugar obscuro, a Sepultura. Uma força me atira para fora do abismo negro; outra força me impele irresistivelmente para dentro dele.

Apesar de todas as guerras, catástrofes e crises morais, existenciais e de valores, o homem resistiu e sobreviveu ao longo dos séculos. A vida é um processo contínuo de resistência.

O impulso da vida e mesmo a arte são, paradoxalmente, atos de resistência ou uma grande briga do homem com a morte, este derradeiro encontro que nos é dado e a que estamos condenados desde que nascemos.

O homem precisa melhor compreender o sentido da vida e da morte e aprender a conviver com a dor, porque, ao ter consciência da transcendência de seu papel, ganha dimensão de eternidade.

Talvez Vinicius de Moraes tenha razão de que é melhor viver do que ser feliz. O propósito da vida não é necessariamente a busca da felicidade. É mais interessante na vida a curiosidade, os desafios, o bom combate com as vitórias e as derrotas. A busca de harmonia. A vida é mais uma busca, do que um encontrar. Fernando Pessoa fala sobre a verdadeira história da humanidade:

Ah! Quem escreverá a história do que poderia ter sido? Será esta, se alguém a escrever, a verdadeira história da humanidade. O que há e o mundo verdadeiro e não nós. Somos quem nos supusemos ser e nunca conseguimos.

Muitos já falaram com maior maestria e conhecimento do que eu sobre a dor e a delícia de viver. Contudo, faz-se necessário pregar, mais do que nunca, um novo humanismo para o século XXI em que o homem afinal se convença de que a grande viagem a ser feita é em torno de si mesmo, em busca da sua identidade, e que, a grande descoberta é a do outro – seu irmão – através da fraternidade e da solidariedade.

Todo homem pode nascer uma segunda vez ao dar um sentido à sua vida, fazendo-a valer a pena. A arte de viver é resistir em defesa da vida e dos valores essenciais humanos. Jamais perdi a esperança.

– *Lampião de luz apagada
que vento mau te soprou?*
– *Não foi vento, não foi nada
meu tempo é que se apagou.*
(Benedito da Cunha Melo)

“*O tempo é a minha matéria,
O tempo presente,
Os amores presentes,
a vida presente.*”
(Carlos Drummond de Andrade)

A MÁQUINA DO TEMPO

A todos e a qualquer um.

VIVEMOS A ERA DA VELOCIDADE e sob a pressão (opressão) do relógio. O relógio antes ficava na praça. Depois invadiu nossa casa e passou a nos tyrarizar na parede. Com o progresso, foi entrando em nosso bolso e chegou ao nosso pulso. Agora está dentro do coração, onde marca o passo.

Vivemos sob o feitiço do tempo, que é um jogo de Deus. Mas é a eternidade que dá sentido à vida. Rubem Alves, em seu *Concerto para Corpo e Alma*, apregoa-nos que:

Eternidade não é o tempo sem fim. Tempo sem fim é insuportável. Já imaginaram uma música sem fim, um beijo sem fim, um livro sem fim? Tudo que é belo tem de terminar. Tudo que é belo tem de morrer. Beleza e morte andam sempre de mãos dadas. Eternidade é o tempo completo, esse tempo do qual a gente diz “valeu a Pena”.

A mente, esse portal do ser humano, lutando para escapar do confinamento e do feitiço do tempo, insiste em resistir e produz, entre outras coisas, arte. A arte é uma tentativa de se eternizar. É uma briga do homem com a morte e com o tempo, que é uma máquina que nos aprisiona e que nos tritura.

O sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre falou de um tempo tríplice em que o passado, o presente e o futuro estão dinamicamente inter-relacionados. Trouxe tal conceito de tempo, a partir das considerações de Santo Agostinho sobre a essência do tempo, no livro XI das Confissões – considerações que foram magistralmente sintetizadas pelo poeta T. S. Eliot nos versos iniciais de *Four Quartets* (1943), que nos traz a seguinte mensagem:

O tempo presente e o tempo passado/Estão ambos talvez presentes no tempo futuro/E o tempo futuro contido no tempo passado./Se todo tempo é eternamente presente/Todo tempo é irredimível.

Em *As Emboscadas da Sorte*, o escritor Maximiano Campos afirma que: *tudo é velho e novo e só o tempo não tem idade. O homem carregará as lembranças do seu passado, mas será sempre novo, mesmo além da sua vontade.* Ele em texto intitulado *Ladrão de Tempo* nos diz que o maior ladrão é o de tempo.

A humanidade ainda está presa a conceitos lineares de tempo e espaço. Albert Einstein revolucionariamente fundiu tempo e espaço num contínuo, que chamou espaço-tempo. Em 1988, Stephen Hawking publicou sua hoje famosa *Uma Breve História do Tempo*, do ponto de vista de um físico. A física quântica tenta explicar a direção do tempo.

Na presença de campos gravitacionais intensos, podem existir caminhos que levem ao passado. Por isso é possível passar, duas vezes pelo mesmo ponto no espaço-tempo. Deveríamos entender o tempo como um círculo, e não uma linha reta, como imaginou a história ocidental e afirmar que “ao caminhar para o futuro se aproxima do passado”.

Proust, na literatura, escavou com profundidade em busca do tempo perdido.

Será que a vida não é buscar e mesmo perder, proustianamente, o tempo?

O poeta russo Joseph Brodsky nos instiga: “quem é mais nômade, se aquele que se desloca no espaço ou aquele que migra no tempo”.

Na realidade, há dois modos, básicos, de percepção do tempo: o quantitativo e o qualitativo, ou melhor, o cronológico e o existencial. O modo quantitativo adota um fato como referência e um fenômeno periódico para contagem do tempo. Na cultura cristã, considera-se o ano do nascimento de Cristo como inicial e o ciclo da Terra em torno do Sol com período de um ano. O modo qualitativo considera as mudanças que ocorrem em nossas vidas. Usamos expressões como “novo tempo”, “tempos difíceis” e “tempos fáceis”. No filme *Perfume de Mulher*, o personagem cego representado por Al Pacino pede a uma jovem para dançar um tango. Ela diz que não pode porque em instantes irá chegar o seu noivo. E ele diz: *em um instante se vive uma vida*. Este é o tempo qualitativo ou existencial.

Podemos intuir o tempo como relativo ou mesmo uma ilusão. Contudo, esse grande vingador, deixa inegáveis marcas em nosso ser. Não adianta ter medo de envelhecer. Afinal, como diz um velho provérbio chinês: *O tempo é o mais persistente dos mestres, só que infelizmente acaba matando todos os seus discípulos*.



O Direito e a Advocacia

*Embora ainda haja inocentes a defender, embora ainda
haja abusos a denunciar, embora ainda haja dores
produzidas pela injustiça e por leis ditadas para curá-las,
o Direito ainda é jovem e a juventude nunca é
melancólica porque tem diante de si o futuro.*

(Piero Calamandrei)

As leis não bastam, os lírios não nascem das leis.

(Carlos Drummond de Andrade)

CARTA A UM JOVEM ADVOGADO

A Syleno Ribeiro.

VIVEMOS A ERA DOS EXTREMOS. O extremo dos poucos que têm tanto e de tantos que nada têm.

Em sua obra-síntese o historiador Hobsbawm nos alerta que o nosso tempo é aquele que *despertou as maiores esperanças já concebidas pela humanidade e destruiu todas as ilusões e ideais*.

O interesse dos que ganham com a nova ordem mundial é despolitizar as pessoas e a juventude.

É preciso reagir. Não podemos aceitar a cegueira social, não podemos calar diante das injustiças e nem sucumbir à desesperança. Jovens: não deixem roubar os seus sonhos! É tempo de resistência e de travessia.

Subcrevo, assim, esta carta a um jovem advogado, irmão de profissão, que me pediu que falasse sobre a missão social da advocacia, afirmando que a nossa prática seja o critério da verdade, pois somente ela nos libertará. Esse deve ser o nosso maior compromisso.

O Direito é muito mais que decorar códigos, pode e deve ser um instrumento de justiça e transformação social. O tecnicismo e a máquina não podem superar o que há de mais huma-

no em nós. Valores como a vida, o amor, a justiça, a solidariedade, sempre sobreviverão, apesar de todos os fuzilamentos. O Direito jamais será uma ciência fria ou mera aplicação de leis.

O verdadeiro jurista sabe quando a sombra diz mais que a luz e quando as entrelinhas podem dizer mais que a linha, especialmente quando o resultado justo é o que se persegue. O sentimento de justiça é a fonte psicológica do Direito e seu maior princípio.

O advogado deve, em sua arte, nos tempos atuais, mais do que nunca, assumir a dimensão social da profissão, através da defesa de uma jurisdição inclusiva, pois a cidadania, na Constituição, tem o valor de princípio e deve ao aplicador do Direito efetivá-lo.

A luta pelo direito, na modernidade, reclama pela prevalência dos valores justiça e equidade, um compromisso permanente com a dignidade humana, através de uma interpretação e aplicação do Direito que leve em consideração tais paradigmas.

Há quem veja no amor o fundamento maior do Direito. O jurista italiano Carnelutti já nos diz que o Direito é um pobre substituto do amor.

Pinto Ferreira nos ensina:

O direito não é o resultado da vontade arbitrária do Estado e nem também da vontade caprichosa dos homens ou dos donos do poder, mas deve ser também entendido como um sentimento de justiça e de equidade. O direito é uma ordem normativo-

coativa da conduta humana, atraído por um ideal de justiça e tendo um conteúdo histórico-cultural determinado. Tal ideal de justiça é constante, conforme o grau de desenvolvimento social, geralmente se designando com o nome de direito natural ou de direito ideal.

O Papa Paulo VI, falando aos membros do Conselho da Union Internacionale des Avocats, afirmou que o advogado é um homem à procura da verdade, inclusive:

a verdade das almas, sobretudo, quando delas recolhe, tão comumente, os mais íntimos segredos. Ninguém, talvez, afora o sacerdote, conhece melhor que o advogado a vida humana sob os mais variados aspectos, os mais dramáticos, os mais dolorosos, os mais viciosos, por vezes, também, frequentemente, os melhores.

Antonio Evaristo de Moraes Filho, em inolvidável conferência, o *Advogado Criminal*, esse desconhecido, dá-nos a seguinte lição:

Aos que insistem em não reconhecer a importância social e a nobreza de nossa missão, e nos desprezam quando nos lançamos, com redobrado ardor, na defesa dos odiados, só lhes peço que, num momento de reflexão, vençam a cegueira dos preconceitos e percebam que o verdadeiro cliente do advogado criminal é a liberdade humana...

O professor e advogado Syleno Ribeiro de Paiva, em discurso de paraninfo dos concluintes de 1968 da Faculdade de Direito do Recife, traz-nos a seguinte mensagem:

Ajudem a restaurar na angustiada condição humana a crença na Justiça. E que a Justiça venha a ser para você e para todos nós... algo essencial à vida, como o pão e a água que diariamente a todos alimenta...

E que, em consequência, a justiça exista...: como a luz, como a sombra, como o mar, como os rios, como tudo aquilo que, sendo dádiva de Deus, não pode desaparecer...

Dizendo, como Martin Luther King, *eu tenho um sonho: que o Direito alcance, finalmente, o seu tão almejado objetivo que é a paz social. E a paz só acontecerá com justiça.*

Advogar é uma arte. Com certeza. Simples e complexa como interpretar uma sinfonia de Beethoven. Ou como examinar um denso romance de Dostoievski.

A ARTE DE ADVOGAR

ADVOGAR É UMA ARTE. Com certeza. Simples e complexa como interpretar uma sinfonia de Beethoven. Ou como examinar um denso romance de Dostoievski.

Em *Arte Del Derecho*, Carnelutti assegura, com exatidão, que:

a interpretação jurídica e a interpretação artística não são coisas diversas mas a mesma coisa. Se o Direito – prossegue – não fora arte, não haveria interpretação em seu âmbito. A interpretação jurídica é uma forma de interpretação artística; se não tivesse esse caráter, não seria interpretação. A grandeza de Vitorio Sciajola e de Artur Toscani pertencem a uma só categoria.

Nada mais verdadeiro. O jurista quase sempre estará diante dos intrincados labirintos das relações humanas e, por isso, ao interpretar o ordenamento jurídico poderá jogar o homem para a luz ou para o abismo.

Interpretar uma lei é o mesmo que se lançar sobre a partitura musical, por exemplo, para conhecer os mistérios e os segredos do compositor e torná-los mais belos aos ouvidos da multidão.

A arte de advogar exige antes de tudo paixão. Era impressionante a paixão com que Rui Barbosa e Sobral Pinto defendiam as suas causas.

Aliás, a paixão é a condutora do mundo, conforme ressalta, o poeta pernambucano Ângelo Monteiro, em poema publicado no livro *Armorial de um Caçador de Nuvens*.

E mais ainda: para conseguir alcançar arte e paixão, o advogado precisa de estratégia. Precisa conhecer a *Arte da Guerra*, mesmo para construir a paz. A advocacia é um dos poucos ofícios em que se lida com um adversário ante a triangularidade da relação processual. Para vencer precisa de estratégia e de muita luta.

A arte de advogar exige concentração. Quanto mais concentrado no que você faz mais chances de êxito você tem.

O advogado deve em sua arte, nos tempos atuais, mais do que nunca, assumir a dimensão social da profissão.

O Papa Paulo VI, falando aos membros do Conselho da Union Internationale des Avocats, afirmou que o advogado é um homem à procura da verdade.

O jurista Mauro Capelletti escreveu que:

sob a ponte da Justiça passam todas as dores, todas as misérias, todas as aberrações, todas as opiniões políticas, todos os interesses sociais. Justiça é compreensão, isto é, tomar em conjunto e adaptar os interesses opostos: sociedade de hoje e a esperança de amanhã.

O ranço individualista e elitista da advocacia deve ser afastado para um maior compromisso social da profissão.

Os advogados representam, perante um dos poderes do Estado, os anseios e aspirações da sociedade.

E, nessa tarefa, devem procurar a correta aplicação da lei e sobretudo a justiça, contribuindo, assim, para o aprimoramento da vida em sociedade.

(Artigo publicado no *Diário de Pernambuco* de 15.10.1999)

*Uns agem sobre os homens como a terra, soterrando-os e
abolindo-se, e esses são os mandantes do mundo.*

*Uns agem sobre os homens como o ar, escondendo-se uns dos
outros, e esses são os mandantes do além-mundo.*

*Uns agem sobre os homens com a água, que os converte em sua
mesma substância, e esses são os ideológicos e os filósofos.*

*Uns agem sobre os homens como fogo, que queima nele todo o
acidental, e os deixa nus e reais, esses são os libertadores.*

(Fernando Pessoa)

O JULGAMENTO DE CRISTO

NO ANO 17 DO REINADO DO IMPERADOR ROMANO Tibério César e 30 da nossa era, em Jerusalém, numa sexta-feira, o Procurador Romano da Judéia Pôncio Pilatos condenou Jesus Cristo a morrer crucificado entre dois ladrões, um à esquerda e outro à direita.

Jesus foi um prisioneiro político. Não morreu na cama ou atropelado por um camelo nas ruas de Jerusalém. Morreu sob dois processos políticos, condenado à pena de morte na cruz, acusado de subversão.

Nos dois processos a que Jesus foi submetido, o religioso, perante o Sinédrio (Tribunal supremo dos judeus, que aplicava as leis mosaicas, integrado pelos sumos sacerdotes, os anciãos e os mestres da Lei), e o civil, segundo a lei romana, perante Pilatos, ambos iniciados e concluídos em menos de 24 horas, foram cometidas diversas irregularidades e arbitrariedades.

Pilatos violou várias regras elementares do Direito Romano: não designou os acusadores, não concedeu ao acusado o direito de ter um defensor, não proferiu a sentença em termos regulares.

O procedimento a que Jesus foi submetido violou relevante norma legal da época:

nas causas pecuniárias pode-se terminar o processo no mesmo dia em que se começou; nas causas capitais, pode-se pronunciar a absolvição no mesmo dia, mas a condenação deve, ao invés, deferir-se ao dia seguinte, na esperança que se encontre um argumento a favor do acusado.

Jesus não convocou advogado para assisti-lo. Na realidade, ele é quem estava patrocinando a causa da Humanidade, em cuja defesa sacrificou a própria vida.

O imperador Tibério César queria dominar o mundo com espadas e máquinas de guerra. Jesus queria transformá-lo com uma história de amor e terminou crucificado.

Se os insígnies criminalistas de nossa era requeressem a revisão criminal de Jesus - para efeito de estudo - facilmente demonstrariam diversas ilegalidades praticadas pelo Sinédrio quanto à própria lei mosaica e às diversas ofensas praticadas contra a Lex Romana por Pilatos. Para se corrigir um erro judiciário, pode-se alegar um fato novo a qualquer tempo. Não há preclusão para a injustiça. Aliás, o sentimento de justiça é a fonte psicológica do Direito.

Quanto ao tema, o inigualável Rui Barbosa em página pouco conhecida e bastante atual assim pontifica:

De Anás a Herodes o julgamento de Cristo é o espelho de todas as deserções da justiça, corrompida pelas facções, pelos demagogos e pelos governos. A sua fraqueza, a sua inocência, a sua perversão mo-

ral crucificaram o Salvador, e continuam a crucificá-lo, ainda hoje, nos impérios e nas repúblicas, de cada vez que um tribunal sofisma, tergiversa, recua, abdica. Foi como agitador do povo e subversor das instituições que se imolou Jesus. E, de cada vez que há precisão de sacrificar um amigo do direito, um advogado da verdade, um protetor dos indefesos, um apóstolo de idéias generosas, um confessor da lei, educador do povo, é esse, a ordem pública, o pretexto, que renasce, para excusar as transações dos juizes tíbios com os interesses do poder. Todos esses acreditam, como Pôncio, salvar-se, lavando as mãos do sangue, que vão derramar, do atentado, que vão cometer. Medo, venalidade, paixão partidária, respeito pessoal, subserviência, espírito conservador, interpretação restritiva, razão de estado, interesse supremo, como quer te chames prevaricação judiciária, não escaparás ao ferrete de Pilatos! O bom ladrão salvou-se. Mas não há salvação para o juiz covarde. (in Obras Seletas, vol. 7, Casa de Rui Barbosa, Rio, 1957).

O julgamento de Jesus Cristo demonstrou a falibilidade da justiça humana e constitui o maior erro judiciário da história.

(Diário de Pernambuco, 29.03.2003)



No início era a poesia e tudo acaba em livro

Um país se faz com homens e livros.

(Monteiro Lobato)

Tudo que no mundo existe começa e acaba em livro.

(Edson Nery da Fonseca)

A PAIXÃO PELOS LIVROS

A Maximiano Campos, que me ensinou o amor aos livros.

NO MÊS DE ABRIL, que inaugura a primavera, comemora-se o Dia Internacional do Livro e do Direito Autoral (23 de abril), data oficializada pela Unesco, em 1995. A Espanha, desde 1926, já celebrava o livro na data da morte de Shakespeare e Cervantes. Na região espanhola da Catalunha é o dia de São Jorge, da rosa e do livro: o dia do padroeiro, do amor e da cultura. As mulheres recebem flores dos homens, que retribuem, presenteando livros.

O escritor Jorge Luís Borges escreveu:

Dos instrumentos do homem, o livro é, sem dúvida, o mais assombroso. Os demais são extensões do corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões da sua vista; o telefone é a extensão da sua voz; depois temos o arado e a espada, extensões do seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é extensão da memória e da imaginação.

A boa leitura é uma experiência mágica. Nos livros conhecemos santos, reis, filósofos e homens comuns. Podemos saber o que disseram Jesus Cristo na Palestina e Gautama Buda no continente indiano.

Em magistral palestra na atual Biblioteca de Alexandria, no Egito, Umberto Eco, o renomado autor de *O Nome da Rosa* defende que a expansão da internet não ameaça a existência dos livros e que nós temos três tipos de memória:

O primeiro é orgânico, que é a memória feita de carne e de sangue e administrada pelo nosso cérebro. O segundo é mineral, e, nesse sentido, a humanidade conheceu dois tipos de memória mineral: milênios atrás, foi essa a memória representada por tijolos de argila e por obeliscos, muito conhecidos neste país, nos quais as pessoas entalhavam seus textos. Porém esse segundo tipo é também a memória eletrônica dos computadores de hoje, que tem por base o silício. Conhecemos também outro tipo de memória, a memória vegetal, representada pelos primeiros papíros, de novo muito conhecidos neste país, e posteriormente pelos livros, feitos de papel. [...] Este local foi, no passado, e será, no futuro, dedicado à conservação de livros; portanto é e será um templo da memória vegetal. As bibliotecas, ao longo dos séculos, têm sido o meio mais importante de conservar o nosso saber coletivo. [...] Se me permitirem usar essa metáfora, uma biblioteca é a melhor imitação possível, por meios humanos, de uma mente divina, onde o universo inteiro é visto e compreendido ao mesmo tempo.

O livro já foi oral. A *Ilíada*, a *Odisséia*, *As Mil e Uma Noites* foram histórias orais, que vieram a ser retidas em páginas

manuscritas, ante o medo que as vozes se perdessem nos ventos do tempo. A memória da escrita mostra os escritos em obeliscos e em tijolos de argila. Escritos em papiros até a invenção da imprensa por Gutemberg e a impressão das suas primeiras Bíblias, que remontam a 1474, com a criação do livro como memória vegetal.

O livro não vai acabar, apenas a sua formatação é que se vai adequar aos novos tempos. Ao lado do livro impresso, certamente teremos o livro virtual, pois a internet já é a maior biblioteca do mundo. Recentemente, a Sony lançou o *e-reader*. Depois do e-mail que nunca está cheio (o *Gmail*) e do *Orkut*, o último projeto do *Google* é a ferramenta *Google Book Search* (<http://books.google.com>), inaugurada em novembro/2005. O *Book Search* vai digitalizar 16 milhões de livros em 10 anos e disponibilizar gratuitamente seu conteúdo integral, ou em partes, caso receba autorização dos detentores dos direitos autorais, para os cerca de 350 milhões de internautas. A empresa lucrará com a veiculação de anúncios na sua página. Apesar de a internet já contar com serviços de biblioteca virtual, o projeto *Google* chama a atenção por suas ambições e dimensão. O livro mais buscado pelo *Google Book Search* é *Dom Quixote*, em espanhol, e não uma obra em inglês. O *Google Book* ainda não foi lançado em português, mas tal lançamento está nos planos do buscador.

Em qualquer uma de suas formas – o livro não foi só uma celebração do conhecimento e registro da memória da espécie humana, mas uma celebração da vida.

O bibliófilo José Mindlin cita um exemplo sobre o livro como fetiche em entrevista que concedeu, em Recife, em agosto/2005:

Na última vez que Borges veio ao Brasil, nos anos 80, ele já estava cego e ainda assim queria a primeira edição de Os Sertões. Como eu tinha mais de um exemplar, dei um deles para Borges. Ele não queria o livro para ler, Borges não podia mais fazer isso. Borges queria tocar nele, pegar, sentir o livro. Era o seu fetiche.

Para mim José Mindlin, nunca será um Peter Kien, que é o personagem do livro *Auto-de-Fé* de Elias Canetti, que a vida se abria da porta para o interior de sua biblioteca. Homem de sensibilidade, para ele, antes de tudo, é um leitor e se sente mais um depositário do que um proprietário.

Sempre haverá alguém que prefira o livro como memória vegetal. Ou melhor, escolha alcançar dessa maneira a intimidade com um autor, por meio das páginas que vão cobrando a vida enquanto se abrem. Sempre haverá alguém que vai querer voltar para um livro só na edição em que o conheceu pela primeira vez, às dedicatórias, recordações e passados que ficaram unidos a esse objeto.

O documentalista Edson Nery da Fonseca nos afirma parafraseando Mallarmé, para quem tudo existe para acabar em livro, que *tudo o que no mundo existe começa e acaba em livro*. E, se é assim:

se tudo o que no mundo existe, começa e acaba em livro – ou em documento, ou em informação, ou em dado –, é evidente que tudo acaba em arquivo, biblioteca, serviço de documentação e/ou banco de dados.

Ler é um ato de desapego em relação ao mundo exterior e graças aos livros podemos ter os sábios da humanidade como amigos e conselheiros. Alguém já disse que qualquer livro é apenas um instrumento para encontrarmos a verdade por nós mesmos. O escritor Franz Kafka afirmou que *um livro deve ser o machado que partirá os mares congelados dentro de nossa alma*.

À parte as comemorações, precisamos combater uma grande fome do livro no Brasil. O direito à leitura e o acesso ao livro são direitos básicos do cidadão.

Dados de Câmara Brasileira do Livro (CBL) demonstram que apenas 26 milhões dos 170 milhões de habitantes lêem pelo menos um livro a cada três meses. E, pior, 61% dos adultos alfabetizados têm pouco ou nenhum contato com livros.

Como se vê, a exclusão cultural e da leitura é uma realidade, infelizmente, em nosso país. O livro é uma espécie de chave que abre a porta e dá acesso aos direitos sociais básicos para transformar um indivíduo em cidadão

A leitura de um livro não pode parecer uma obrigação, mas deve ser um ato de prazer ou de paixão. Um livro tem que ser uma forma de felicidade, no dizer de Borges.

Alguém já disse que o livro é apenas um instrumento para encontrarmos a verdade por nós mesmos.

Todo leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo. A obra é um instrumento que lhe permite discernir o que, sem ele, não teria visto em si (Marcel Proust).

O livro atravessou eras de guerras e perseguições, sobreviveu e mais ainda, saiu fortalecido. Nesta época de contra-

dições e incertezas, a cultura e o livro são as armas para se manter os valores básicos do homem acima dos conflitos econômicos e de credo.

Desejamos contribuir para o que o amor pelos livros seja disseminado em nosso país que ainda precisa conquistar para seu povo o acesso ao livro. Queremos contagiar o maior número possível de pessoas, ou, no dizer de José Mindilin, inoculá-las com essa espécie de loucura mansa, que é a paixão pelos livros.

O livro é uma forma de resistência e reexistência numa globalização que só trouxe mais exclusão social e aumentou os muros entre os homens.

*Na oração falamos com Deus,
na boa leitura é Deus quem nos fala.*
(São Jerônimo)

*A poesia é a imagem da ciência
na paisagem ardente da consciência.*
(Flávio Chaves)

O POEMA COMO ORAÇÃO

A Edson Nery da Fonseca.

○ GRANDE POEMA É UMA ORAÇÃO. Uma vez conversando com o escritor e documentalista Edson Nery da Fonseca ele me falou que orava a Deus através de alguns poemas prediletos e não necessariamente por versos bíblicos. Aquilo nunca saiu da minha memória. Dentre outros versos, ele recitou o poema *Encontro* de Deolindo Tavares:

*Vou me encontrar com Cristo/a uma e meia da
manhã./Por que, então, neste momento/não me
cega a estrela das grandes vigílias?/Preciso mais
do que nunca estar desperto,/e sinto que adorme-
ço sobre finíssimas lâminas de ouro.*

Manuel Bandeira assim começa um poema – oração: *nossa senhora me dê paciência/para estes mares para esta vida.*

Em outra ocasião, iniciei uma conversa com o escritor e crítico Gilberto Mendonça Teles sobre o poema como oração. Ele disse que na véspera tinha realizado uma conferência sobre poesia e misticismo e me presenteou com o seu livro *Hora Aberta*, cuja epígrafe é a seguinte:

*No sertão, hora das miragens, do falso fumaceiro
nos capoeirões, denunciando um fogo inexistente.
Trote de comboio, obrigando o viajante a volver-*

se para identificar invisíveis caminhantes [...]. Mas é a hora poderosa para as orações (Luis da Câmara Cascudo *Religião do Povo*, 1974).

Gostaria de fazer uma reflexão sobre a palavra poética, sua força ancorada na miríade de portos de beleza que resgata o homem seqüestrado pela multidão de ilusões que o confundem e o diminuem. E diminuir o homem foi a exagerada medida do século XX.

No turbilhão da violência globalizada, das mudanças vertiginosas, de acontecimentos funestos como o do 11 de setembro americano, da guerra entre árabes e judeus, dos atentados na Inglaterra e na Espanha, a palavra poética é porto seguro, morada sagrada do homem, desde Homero. Ela toma o Partido da Humanidade, inseri-se de corpo, alma e palavra na ideologia do homem.

Quase todas as nações, observa Voltaire, têm tido poetas antes que tivessem alguma outra sorte de escritores. “Homero floresceu antes que aparecesse um historiador. Os cânticos de Moisés são os mais antigos monumentos dos hebreus.” Comenta Antônio Joaquim de Mello, em *Biografias de Alguns Poetas e Homens Ilustres da Província de Pernambuco*, de 1856.

Convidar os poetas a mostrar caminhos é uma necessidade de nosso tempo. A poesia procura interpretar os sonhos da humanidade e indicar possíveis caminhos. A ciência que pretendeu responder a todas as questões, hoje não consegue dizer onde estamos e para onde vamos.

Um belo poema sempre leva a Deus, tecendo o livro do mundo como se fosse uma oração.

A maior loucura que um homem pode fazer nesta vida é deixar-se morrer, sem mais nem menos, sem que ninguém o mate, nem dêem cabo dele outras mãos que não as da melancolia. Olhe, seja preguiçoso: levante-se dessa cama e vamo-nos ao campo vestidos de pastores, como temos concertado. Talvez atrás de alguma selva encontremos desencantada a senhora Dulcinéia, que não haja mais que ver. Se morre de pesar por ver-se vencido, deite-me a culpa, dizendo que por haver encilhado mal a Rocinante o derrubaram. Tanto mais que vosmecê deve ter visto em seus livros de cavalaria ser coisa ordinária derribarem-se os cavalleiros uns aos outros, e o vencido de hoje ser o vencedor de amanhã.
(Miguel de Cervantes)

DOM QUIXOTE E O PÃO DO SONHO

A Renato Carneiro Campos .

EM JANEIRO DE 2005, comemorou-se o quarto centenário de Dom Quixote de La Mancha, a novela universal de Miguel de Cervantes, um dos maiores clássicos da literatura.

Após 4 séculos, é uma obra moderna e atual no século XXI. O seus dois principais personagens – Dom Quixote – rebelde e justiceiro e Sancho Pança – seu fiel escudeiro, continuam com sua força emblemática a representar a briga do sonho com a realidade.

Dom Quixote é depois da Bíblia o livro mais reproduzido no mundo, o que demonstra a sua força comunicativa. É grande a sua influência sobre o romance moderno.

Miguel de Cervantes Saavedra (1547 – 1616) publicou em 1605, aos 57 anos, a primeira parte de Dom Quixote que, à época, teve reconhecimento literário. A segunda parte de Dom Quixote foi publicada em 1615, completando sua imortal novela de cavalaria. Contudo, morreu pobre, doente e esquecido, recolheu-se a um convento franciscano e um túmulo despojado e sem lápide, serviu-lhe de última morada, em abril de 1616.

A arte venceu a morte e o esquecimento. A Espanha e o mundo todo celebraram, em janeiro de 2005, o quarto cente-

nário de *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha*, que nos mostra que uma história local pode tornar-se universal (se *queres ser universal, conta bem tua aldeia*, Leon Tolstoi) e que *precisa-se de loucura para cortar as amarras e tornar-se livre* (Nikos Kazantzakis, em *Zorba, O Grego*). Afinal, o [...] *vencido de hoje pode ser o vencedor de amanhã*, no dizer do próprio Quixote.

Dom Quixote ou Sancho Pança? De Sancho Pança e Dom Quixote todos nós temos um pouco. Uma parte de nós tem sede de justiça e capacidade de indignação. Outra parte representa um gordo espanhol que, muitas vezes, faz-nos calar diante de injustiças e nos traz acomodação. No entanto, o escudeiro pode transformar-se em cavaleiro, eis a mágica da vida e o pão do sonho, que alimenta a alma.

Todo homem pode nascer de novo ao dar sentido a sua vida. O homem só deixará de ser homem quando perder sua capacidade de sonhar e sua coragem de se indignar, ou melhor, perder as suas qualidades quixotescas. *Até morrer tudo é vida*, ensinou-nos Quixote.

Nesse sentido, escreveu Maximiano Campos, no seu poema *Apelo ao Quixote*:

*Não deixes que a tua/armadura enferruje/Prin-
cipalmente no peito,/que é perto do coração//
Segura a espada,/larga o escudo,/pois medo não
é proteção./Permite que o sol bata na poeira/e o
vento leve o sujo/do aço que te cobre.//Na lou-
cura, só na loucura,/estarás liberto. O teu mito/
é o Sol, liberdade e céu aberto.*

*Canta, poeta, canta!
Violenta o silêncio conformado
Cega com outra luz a luz do dia
Desassossega o mundo sossegado
Ensina a cada alma a sua rebeldia.*

(Miguel Torga)

PABLO NERUDA

A Lucila Nogueira.

NO DIA 12 DE JULHO DE 1904, nascia Pablo Neruda, poeta, diplomata e Prêmio Nobel de Literatura de 1971, autor de *Confesso que Vivi*. Morreu em setembro de 1973 e seus restos mortais estão em Isla Negra, sepultado em chão da América, que tanto amou e cantou em seus versos. A música do mar, os pássaros, as árvores são sua companhia. Em Isla Negra, sua residência mais permanente, ele e sua companheira Matilde sonharam e se amaram até regressarem às misteriosas origens da criação. Fez-se a sua vontade:

*Companheiros, enterrem-me na Isla Negra, de-
frente do mar que conheço, de cada área rugosa
de pedras e de ondas que meus olhos perdidos não
voltarão a ver. [...] todas as chaves úmidas da ter-
ra marinha conhecem cada estado de minha ale-
gria, sabem que ali quero dormir entre as pálpe-
bras do mar e da terra...*

Era grande a sua paixão pelo mar, embora os Andes tivessem cativo endereço em seu coração:

*Quando estive pela primeira vez defrente do oce-
ano me enchi de assombro. Ali entre dois grandes*

montes (o Huique e o Maule) se desatava a fúria do grande mar. Não eram somente as imensas ondas nevadas que se levantavam a muitos metros sobre nossas cabeças, mas um estrondo de coração colossal, a palpação do universo.

Entre as comemorações do seu centenário, em 2004, foi lançado o livro *Neruda por Skármeta*, de Antonio Skármeta, autor da novela *El Carteiro de Neruda*, que inspirou o filme *O Carteiro e o Poeta*. É um livro interessante para compreender o universo nerudiano.

Confesso que Vivi, o relato autobiográfico, poderia se chamar *Confesso que Viajei*, ante o relato de diversas viagens. Em *O Canto Geral*, cantou as lutas de libertação dos povos latino-americanos. *Os Versos do Capitão* é uma ode ao amor. No poema 20, do livro *Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada* ele diz: *como é tão breve o amor, tão longo o esquecimento*. Em outro poema fala: *para meu coração basta o teu peito/para que sejam livres as minhas asas*.

Neruda foi um poeta universal, que fez de seus poemas uma forma de resistência e reexistência do ser humano e nos traz a mensagem que, enquanto houver poesia e homens capazes de sonhar, ainda haverá esperança.



Moldura de Minha Vida

*Que carregamos as coisas,
moldura da nossa vida,
rígida cerca de arame,
na mais anônima célula,
e um chão, um riso, uma voz
ressoa incessantemente
em nossas fundas paredes.*
(Carlos Drummond de Andrade)

O SOL DE PERNAMBUCO

PERNAMBUCO, A TERRA DE MAIS LUZ DA TERRA, na expressão de Pinzón, referida pelo poeta João Cabral de Melo Neto no seu poema *O Sol em Pernambuco*, vem assistindo a um verdadeiro renascimento cultural fulcrado na (re)valorização de seu diversificado patrimônio artístico-cultural e histórico.

Pernambuco vem mostrando a força e a criatividade de seu artesanato, da sua culinária, da sua música, de sua poesia, das suas festas populares, das suas artes plásticas e cênicas e da sua literatura. Institutos e Centros Culturais são criados e ganham força e vida. Exposições, livros são lançados e relançados. É tempo de Pernambuco.

O sociólogo Renato Carneiro Campos, em ensaio intitulado *Joaquim Nabuco: Um Agitador de Idéias*, dizia que se tivéssemos que escolher um Estado, na Federação, para representar D. Quixote este Estado seria Pernambuco: *Não lhe faltam magreza, loucura e sonho para tanto*.

Realmente, Renato tinha razão: *Pernambuco com suas revoluções falhadas, com seus movimentos libertários abafados a ferro e a fogo, é uma espécie de D. Quixote da Federação*.

Em virtude dos seus ideais republicanos, manifestados em 1817 (República de Pernambuco) e 1824 (Confederação do

Equador), o território da antiga Província de Pernambuco perdeu as Comarcas das Alagoas e do São Francisco. Contudo, Pernambuco resistiu e nunca deixou de sonhar e de ser altivo.

Alceu Amoroso Lima disse, certa vez, que quando o Brasil está em crise se volta para cá, para a região cortada pelo Rio São Francisco, que é o *Rio da Integração Nacional*.

Se dei o meu amor a Pernambuco, dei a minha paixão ao Recife, como afirmou Chico Science. O poeta Jaci Bezerra no poema *Tatuagem na Água* nos diz:

No Recife me perco e me inauguro/pisando acácias e águas machucadas,/no bolso o sol ferido, um sol maduro/escorre, úmido, e acende a madrugada./Uma árvore brota no meu peito impuro/acalentando a infância que, abismada,/brinca dentro de mim e dói no escuro/sempre por um menino acompanhada/Nunca a essa cidade fui perjuro/nem nunca a reneguei, talvez por isso/ela me planta e aninha entre os seus muros,/e eu a carrego em mim, arrebatado,/apodrecendo nos mangues dos seus vícios/e amando como se nunca houvesse amado.

Aqui, em nossas terras, o poeta cristão-novo Bento Teixeira fez o primeiro poema do Brasil (Prosopopéia). Daqui saíram as primeiras imagens do Mundo Novo. Aqui, forjou-se o berço da nacionalidade. Pernambuco não se cansa de sonhar e de criar.

Que o sol de Pernambuco e a força de sua cultura e de seus ideais libertários, forjados na luta de gerações, acendam uma luz no meio da escuridão e nos mostre o caminho do reencontro entre o Estado e a Nação.

A GERAÇÃO 65 É UM MARCO na história da cultura pernambucana e brasileira.

O sociólogo Roberto Aguiar, no *Livro dos Trinta Anos* (1995), acerca da referida Geração, organizado pelo poeta Jaci Bezerra, sintetiza a confluência dessa Geração, que é composta por expressivos criadores:

*... enquanto trabalhadores intelectuais, éramos
cientistas, em primeiro lugar, em que concepções
ideológicas, religiosas, políticas eram bem-vindas,
eram respeitadas e mesmo desejadas, mas eram
secundárias à beleza e à verdade.*

Para falar na Geração 65, tem que se registrar o trabalho do poeta e crítico César Leal, que a divulgou e promoveu, assim como o trabalho de Tadeu Rocha que deu à Geração o nome de batismo pelo qual ficou conhecida.

Poderemos identificar, nos registros bibliográficos, como pertencentes a esta Geração, nomes como Alberto da Cunha Melo, Jaci Bezerra, Ângelo Monteiro, Maximiano Campos, Cláudio Aguiar, Marco Polo, Marcus Accioly, Sebastião Vila

Nova, Almir Castro Barros, Arnaldo Tobias, Eugênia Menezes, Lucila Nogueira, Raimundo Carrero, Roberto Aguiar, Tereza Tenório, Maria de Lourdes Horta, Vernaide Wanderley, Gladstone Vieira Belo, Fernando Monteiro, entre outros.

Há quem defenda que tal Geração não é só literária, mas tem representantes nas artes plásticas e no cinema.

O Instituto Maximiano Campos (IMC), que se dedica à valorização da cultura e à literatura brasileiras, homenageia, neste ano, essa Geração, que é um marco de resistência cultural e que, ainda, infelizmente, não teve o devido reconhecimento e projeção nacional.

Assim, as atividades, em torno dessa Geração, iniciam-se com a edição do livro *Arnaldo Tobias: Singular e Plural* e irá culminar com atividades na IV Feira Internacional do Livro, que se realizará em outubro/2003, em Pernambuco e que a homenageará.

A Geração 65, de cuja gestação nasceram obras de grande valor cultural, surgiu em plena lei do silêncio da ditadura militar, mas nunca silenciou e nem entregou seus sonhos altivos, que devem ser motivo de reconhecimento e homenagem no momento histórico e cultural em que vivemos, pois são parte da história do nosso povo e do fortalecimento das nossas raízes culturais.

Homero, na sua *Iliada*, Livro VI, diz-nos:

*Como uma geração de folhas, assim também é
a geração dos homens. O vento espalha as fo-*

*lhas sobre a terra, mas a floresta faz crescer novas
folhas quando vem a estação da primavera. Assim
também nasce uma geração de homens e
outra perece.*

A Geração 65, no entanto, veio para ficar. A sua frondosa árvore plantou raízes profundas e nos deu valiosos frutos e muitas sementes que ainda vão germinar.

(Jornal do Commercio, 04.05.2003)

MAXIMIANO CAMPOS FOI UM ESCRITOR comprometido com o seu tempo e para quem escrever era se rebelar contra as dores e as injustiças do mundo.

A obra de Maximiano estava muito próxima de sua vida; como se na vida de um escritor pudessem coexistir duas biografias. Carlos Baker, excelente biógrafo, escreveu dois notáveis livros biográficos: *Ernest Hemingway, O Romance de Uma Vida* e *Hemingway, O Escritor Como Artista*. Em vez de serem livros estanques, eles se completam, porque todo escritor verdadeiro não é muito diferente das criaturas da sua invenção, nem as suas opiniões reveladas sobre a vida podem ser diferentes das do homem que, além de escrever livros, tem que viver e conviver com as pessoas e os fatos da sua época, e porque convive, e na medida em que mais convive, é que desenvolve o seu poder criador.

Dizia Miguel de Unamuno que *há homens que se assemelham a livros, e livros que se assemelham a homens*. Um verdadeiro escritor não pode querer se assemelhar a livros, a livros de outros escritores, assumindo atitudes de personagens, confundindo vida com literatice, mas um escritor, se realmente grande, não escreve livros absolutamente diferentes

do seu temperamento, de sua vida. Miguel de Unamuno, esse grande espanhol, ele próprio, assemelha-se aos seus livros. Quem duvidar, que leia o seu ensaio *Como se Faz uma Novela*. Guimarães Rosa, em notável entrevista concedida a Günter W. Lorenz, disse: *Às vezes quase acredito que eu mesmo, João, sou um conto contado por mim mesmo.*

Maximiano, o homem que ele foi, está muito presente na sua poesia, nos seus contos, na sua narrativa, algumas delas com forte dose confessional, autobiográfica. Escreveu sobre o que viveu, amou, sentiu, sofreu. A verdadeira arte é muito próxima da dor.

Acredito, como ele acreditava, que a literatura, como escreveu Carlos Drummond *é uma das grandes consolações da vida e um dos modos de elevação do ser humano sobre a precariedade de sua condição.*

Recordo-me que ele gostava de uma pequena história de Norman Mailer sobre um toureiro mexicano, que lhe tinha sido indicada pelo seu irmão Renato. Agora, releio nessa história o trecho admirável da prosa do grande escritor contemporâneo, certamente falando do México e de grande parte da América Latina:

Nas terras tropicais negras e sangrentas, possuídas pela pobreza, pelos desertos, pelos pântanos, pela sujeira e pela traição, pelo desmazelo e pelos lagartos gordos de todos os piores desejos, pelo desejo excretório de passar o próprio veneno aos outros, a única coisa que mantém a coragem e a esperança na vida é o conhecimento

de que o homem não pode ser julgado pelo que é todos os dias, mas somente por seus maiores momentos porque este é o instante em que mostra o que tenciona ser.

Os artistas são as antenas da raça, conforme Ezra Pound, e eles nos dão a esperança e a coragem de lutar contra um mundo que eles não se conformam e tentam melhorar, mesmo que em sonho ou na arte.

O artista que se distancia de suas raízes perde a força de sua mensagem. Dizia Tolstoi que *se queres ser universal conta bem a tua aldeia.*

As raízes pernambucanas também estão na obra de Maximiano. Estão na obra da Geração 65, da qual fazia parte e da qual muito se orgulhava.

Na pintura, na escultura, na música, na literatura, os criadores pernambucanos vivem demonstrando isso todos os dias: a força das suas raízes.

Vejamos o exemplo de Manuel Bandeira que olhava o mar carioca e se queixava: *Não tem nem a cor, nem o cheiro, nem as ondas de Boa Viagem.* Saiu daqui do Recife aos dez anos, para o Rio de Janeiro e foi para a Europa, buscando a cura que parecia impossível. Voltou ao Rio. É seu o poema *Evocação de Recife*, escrito a pedido do nosso Gilberto Freyre, uma ode às suas raízes, às ruas, às pessoas, ao *Recife da minha infância*, que está na poesia que tem um fecho emocionante e que completou 80 anos em 2005:

*Recife...
Rua da União*

*A casa do meu avô
Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade
Recife...
Meu avô morto.
Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro
Como a casa do meu avô.*

Estamos entregando aos leitores, o livro de contos *Na Estrada*, tendo o selo da Editora Iluminuras, numa parceria com o Instituto Maximiano Campos (IMC), que tem como editor Samuel Leon. A identidade literária essencial de Maximiano foi o conto, embora tenha escrito romances e novelas reconhecidas pelo público. Contudo, foi no conto que Maximiano demonstrou a sua densidade narrativa. Já dizia o grande Cortazar: *Todo conto perdurável é como a semente onde dorme a árvore gigantesca.*

No livro *Cartas aos Amigos*, Maximiano nos diz:

Nossas vidas são espécies de romances de Deus e nós personagens desatinados na busca de entendermos o enredo e o seu final.

Mas também ele nos apregoa que:

Em vez de desfecho, a morte pode ser um grande início que nos desperte do sonho da vida. Por sermos filhos de Deus e suas criaturas, somos todos dilacerados entre o mundano e o divino, entre o temporal e o eterno, entre a revolta e o amor, a ignorância e a compreensão, entre a vida e a morte, o sonho e a realidade, o desalento e a esperança.

Sebastião Vila Nova em generoso artigo publicado sobre Maximiano assim disse:

Todo homem, mesmo o escritor, que tanto se mostra ao mundo, termina por ser um mistério – o grande mistério – indevassável, como o poderoso e ao mesmo tempo tão frágil Charles Foster Kane e o seu “Rosebud”. Todo homem leva consigo, ao partir, aquilo que nem mesmo os mais íntimos, os parentes, os amigos, as mulheres que amou, jamais sequer vislumbraram, pois afinal, como disse o poeta e místico, é na solidão que nascemos, vivemos e morremos.

Sobre o contista, o romancista e o poeta que foi Maximiano Campos, os seus trabalhos dirão melhor do que eu possa dizer, nestas palavras, onde apenas reafirmo minha admiração e tento amenizar, uma saudade, falando sobre ele, agora e sempre, que souber reunir algumas palavras em sua homenagem.

Digo como Eduardo Galeano, em sua *Memórias do Fogo*:

Quebro este ovo e nasce a mulher e nasce o homem. E juntos viverão e morrerão. Mas nascerão novamente. Nascerão e voltarão a morrer e outra vez nascerão. E nunca deixarão de nascer, porque a morte é mentira.

A morte é mentira sim, porque o amor e, mesmo a arte, são maiores que o esquecimento.

(Discurso de lançamento do livro de contos *Na Estrada*, na Livraria Cultura, Recife, em 14.10.2004)



Áfricas

ESQUECER, NUNCA MAIS

A Bono Vox, profeta eletrônico das causas humanitárias.

A VISITA DO PRESIDENTE LULA à Casa dos Escravos, na Ilha de Gorée, no Senegal, foi marcada por um tom simbólico. Ali é um lugar de meditação sobre a tragédia do tráfico negreiro, embora outros portos, como o da Ilha de Luanda, na frente da capital de Angola, tenha embarcado mais negros, segundo os historiadores. *Penso que é uma boa política, dizer ao povo do Senegal e ao povo da África: perdão pelo que fizemos aos negros* disse Lula, que preside um País marcado por 300 anos de escravidão e que foi o último país das Américas a libertar os escravos.

Nos séculos 16, 17 e 18, milhões de africanos foram levados para as Américas como “mercadorias”. Os escravos eram transformados em números, não tinham nomes, nem sobrenomes. Eram vendidos e classificados pelo peso.

Embora haja controvérsia estatística, estudos afirmam que morreram quase 6 milhões de negros na travessia para as Américas, tendo o oceano como leito de morte. É um holocausto do tamanho do realizado com os judeus. A página da escravidão não pode ser esquecida, pois deixou marcas profundas.

Joaquim Nabuco, no seu livro *Minha Formação*, escreveu estas palavras marcantes: *a escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil*. Em nossa época, outras

formas de escravidão ainda grassam pelo país. É que os nossos pobres continuam escravos à espera de uma segunda abolição.

Somos campeões na exportação de alimentos. O agronegócio significa 30 % do nosso PIB. Contudo, *há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã* (José Américo de Almeida, frase dita quando Ministro da Viação e Obras Públicas, durante a grande seca de 1932). Enquanto exportamos grande quantidade de comida, cerca de 50 milhões de brasileiros passam fome. É a consequência de uma nova forma de colonização, num processo de globalização, que tem a dívida pública como instrumento de domínio, que chega a tornar o nosso país quase um território, por termos que pagar uma grande dívida e(x)terna e interna.

Atualmente, no Brasil, os pobres estão morrendo de fome e os ricos estão morrendo de medo. É uma verdadeira África dentro do Brasil. Esta é a situação provocada por um *apartheid* social caracterizado por 50 milhões de brasileiros vivendo na faixa de pobreza absoluta, que gera um elevado nível de conflito social e uma violência sem precedentes.

Já dizia Ken Livingstone, (ex-prefeito de Londres): *todo ano o sistema financeiro internacional mata mais pessoas do que a Segunda Guerra. Mas, pelo menos, Hitler era louco.*

O fascinante filme *Ponto de Mutação* (Mindwalk), baseado na obra de Fritjof Capra, através da lucidez da cientista interpretada por Liv Ullmann, alerta-nos:

Sabia que, no mundo todo, todo dia 40 mil crianças morrem de desnutrição e doenças evitáveis? Quase a todo segundo. Agora... e agora... Mas

estas curtas vidas não podem ser vistas isoladamente. São parte de um sistema maior, que envolve a economia, o meio ambiente, e sobretudo a grande dívida do Terceiro mundo. [...] Há três anos, um presidente perguntou “crianças devem passar fome para pagarmos a dívida?” Tal pergunta foi respondida na prática, e a resposta foi “sim” porque, desde então, milhares de crianças do Terceiro Mundo deram a vida delas para pagar a dívida de seus países e outros milhões pagam os juros com o corpos e mentes subnutridos.

O Brasil e o Mundo têm uma grande dívida com a África. O mestre Gilberto Freyre nos ensinou que a miscigenação é uma das qualidades nacionais, marcante na formação brasileira.

Conservadas as atuais projeções demográficas (declínio da natalidade da população branca e queda mais lenta da natalidade dos negros e mulatos), o Brasil será, dentro de duas décadas, uma nação formada majoritariamente por cidadãos descendentes de africanos. Fechar-se-á, assim, um ciclo: antes de 1850 também éramos uma nação formada em sua maioria por negros e mulatos (Luiz Felipe de Alencastro, historiador).

O grande Joaquim Nabuco pensou além da abolição e defendeu a reforma agrária, tendo sofrido conseqüências eleitorais adversas por uma idéia tão avançada para a época. O ideário de Nabuco continua vivo a inquietar os brasileiros: a necessidade de completar a abolição com uma maior justiça social e uma reforma agrária que traga paz ao campo.



Guerras no Brasil

ARRAIS DE CANUDOS

A Antônio Carlos Escobar,
vítima da violência, mas que não se omitiu.

A NOSSA REALIDADE ESTÁ VIOLENTA. Como operador do Direito e preocupado com tal fenômeno, que atinge a todos, venho trazer alguns dados e opiniões sobre o tema com a certeza de que sei muito pouco, mas desconfio de muita coisa.

O Senador Mauro Miranda em discurso denominado Violência Urbana proferido no Congresso Nacional abordou, com propriedade, esse terrível fenômeno de nossos dias:

Hoje, temos a posição humilhante e desconfortável de terceiro país mais violento do mundo, vindo logo depois da África do Sul e Jamaica, e seguido, no quarto e quinto lugares, por Colômbia e Filipinas, segundo fontes da ONU. As mesmas fontes revelam que, nos últimos dezoito anos, o número de homicídios subiu de quinze para cinquenta, para cada grupo de 100 mil habitantes. Por seu lado, o Banco Interamericano de Desenvolvimento revela que os custos econômicos e sociais da violência consomem atualmente, no Brasil, cerca de 12,5% do PIB, ou aproximadamente 100 bilhões de dólares. (In Violência Urbana, Renato Posterli, ed. Inédita, p. 12, edição do Senado Federal.)

Os dados são relevantes e sinalizam no sentido de que é melhor atacar as verdadeiras causas da violência no nosso país do que lidar apenas com os seus perversos efeitos, inclusive financeiros.

O BID constatou ainda que os altos índices de criminalidade têm desestimulado os investimentos estrangeiros no Brasil. É que as empresas precisam adicionar um novo custo para se instalar no Brasil: os gastos com segurança.

Em sua origem e natureza, a violência é muito mais cultural que fisiopsicológica, ou seja, a violência é mais resultante da atual sociedade que, através da predominância de valores materiais sobre os valores éticos, religiosos, jurídicos, multiplica os estímulos criminosos, no ser humano. A violência é mais uma resposta à pressão da sociedade que uma liberação instintiva ou psicofisiológica.

A sociedade moderna é caracteristicamente narcísica e criminógena, ou melhor, marcada pela perda do sentimento de continuidade histórica, pela diluição dos valores e implosão dos ideais, pela incapacidade de enfrentar o presente de outro modo que não sob a forma do desespero para os mais lúcidos e da indiferença para as massas. Frustração, ressentimento (aliados à insegurança pelas próprias condições de vida) geram violência e agressividade.

A violência é um fenômeno complexo e universal. Infelizmente, o crime (basta lembrar a história bíblica que Caim matou Abel) irá sempre acompanhar o homem como uma sombra dolorosa em sua caminhada pela Terra. A questão central são os níveis de violência na sociedade atual.

O sociólogo americano Wrigth Mills, em sua obra *A Imaginação Sociológica*, ensina-nos a saber diferenciar uma questão estrutural da sociedade de uma mera perturbação pessoal, através de um exemplo simples. Uma cidade de 100.000 habitantes com 50 desempregados não se pode considerar uma questão estrutural, mas é um índice que deve ser entendido como perturbações pessoais. Contudo, se essa cidade, em vez de 50 desempregados tem 30.000, já não podemos encarar como perturbações pessoais, existindo fatores estruturais da sociedade a influenciar tal realidade. Esse mesmo exemplo se aplica à violência, especialmente quando os seus níveis extrapolam o nível de suportabilidade como no caso da sociedade brasileira.

Uma ilusão que ainda persiste é a de que medidas penais rigorosas como o apelo emocional à pena de morte – eliminaríamos, ante o seu efeito intimidativo, a criminalidade. Ora, essa não é causa em si mesma, mas efeito de certas condições ou fatores e somente eliminando-se esses fatores ou reduzindo-se a sua influência é que a criminalidade pode ser reduzida.

O Brasil entra no século XXI apresentando o título de campeão mundial de concentração de renda e índices sociais de terceiro mundo. A exclusão social no Brasil é o grande combustível para a violência e tem uma grande aliada que é a impunidade.

O Governo Brasileiro precisa cessar a rota suicida de dar para o capital financeiro tudo e para o social poucas migalhas e investir seriamente em saúde, educação, geração de empregos, ou seja, investir em nossa população, atacando verdadeiramente as raízes estruturais da violência no Brasil, pois já

diz o dito popular que é melhor prevenir do que remediar, até mesmo sob o ponto de vista financeiro em razão do alto custo da violência em nosso país.

O Relator das Nações Unidas para o direito à alimentação, Jean Ziegler, afirmou que “a fome no Brasil tem contornos de genocídio” e que existe em nosso país uma “guerra social”.

Explodiram vários arraiais de Canudos pelo Brasil. É uma guerra social caracterizada por uma violência sem precedentes provocada, em grande parte, por 50 milhões de brasileiros que vivem na miséria com menos de R\$ 80,00 por mês. Tal contingente populacional é quase a soma da população do Uruguai, Paraguai, Bolívia e Argentina.

O Arraial de Canudos tem seu equivalente atual e urbano na favela da cidade, tão bem representada pela “Cidade de Deus” que virou filme. O que houve em Canudos e o que continua a acontecer até hoje, no campo e nas grandes cidades, é o choque entre duas realidades distintas – a da classe dominante que constitui o Brasil oficial e uma multidão de deserdados e famintos que constitui o Brasil real.

A violência não é um problema apenas policial. Nenhuma política pública voltada para a segurança poderá ter êxito garantido apenas no envolvimento de forças policiais. O Estado e a sociedade precisam realizar ações efetivas também no campo social com ênfase na educação. Temos que combater o crime, mas temos que tentar salvar aqueles que podem tornar-se criminosos ou reincidir no crime.

A pedra-angular para a edificação da nação brasileira é a diminuição das desigualdades sociais para em vez de termos uma guerra social, sermos um país digno de ser vivido.



A vida é um ato contínuo de despedida

*Esta palavra saudade
Conheço desde criança
Saudade de amor ausente
Não é saudade é lembrança
Saudade só é saudade
Quando morre a esperança.
(Pinto do Monteiro)*

SONATA DE UMA SAUDADE

*Quem quiser plantar saudade
Escalde logo a semente
Procure um terreno seco
Na hora de sol bem quente
Que se plantar no molhado
Quando nascer mata a gente*

*A saudade é um parafuso
Que na rosca quando cai,
Só entra se for torcendo,
Porque batendo não vai
E se enferrujar por dentro,
Pode quebrar, mas não sai.
(Antônio Pereira, poeta da saudade)*

QUANDO AS PRIMEIRAS ESTRELAS apareceram no céu no último sábado (05/06), aqui, em Recife, uma outra, de grande luz teve a sua forma física sepultada na presença de familiares e amigos. Falo de George Lederman a quem a vida me deu o privilégio e a alegria de conhecer.

Homem de sensibilidade, psicanalista notável, de grande gosto musical. Andava com a música no coração, como o mar ondula na noite, com a lua em suas ondas. Tentava transmitir a harmonia das músicas.

Com ele, tive conversas importantes para mim. Falamos horas, por exemplo, sobre a nossa admiração por Viktor Frankl e o seu livro *Em busca do sentido*. O princípio do sentido como contraponto ao princípio do prazer defendido por Freud. Lembro um trecho de Frankl:

Nós que vivemos em campos de concentração lembramos de homens que caminhavam pelos abrigos dando conforto ao demais, ofertando seu último pedaço de pão. Podem ter sido poucos em números, mas oferecem prova suficiente de que tudo pode ser tirado de um homem, exceto uma

coisa: a última das liberdades humanas – escolher sua atitude em um determinado conjunto de circunstâncias, escolher seu próprio caminho.

Sim, George, amigo. Você ajudou a muitos a escolher o seu próprio caminho e demonstrou que a fraternidade é possível, apesar de toda a violência, as guerras e a incompreensão. Afinal, *o grande trabalho é do amor/sem bronzes, sem assinaturas,/ no ar do espaço, na hora do tempo* (Alberto da Cunha Melo).

O colombiano Gabriel Garcia Marquez – o Gabo – disse-nos certa vez que morrer é não poder mais estar com os amigos. Eduardo Galeano, esse uruguaio notável, autor de *Memória do Fogo* e *O Livro dos Abraços* nos traz esta mensagem:

Quebro este ovo e nasce a mulher e nasce o homem. E juntos viverão e morrerão. Mas nascerão novamente. Nascerão e voltarão a morrer e outra vez nascerão. E nunca deixarão de nascer, porque a morte é mentira.

Custamos a acreditar em sua passagem, mas obrigado por você ter existido. A canção de sua vida continua a tocar em nossos corações.

(*Jornal do Commercio*, 09.06.2004)

O povo de Deus no deserto andava,
Mas à sua frente alguém caminhava.
O povo de Deus era rico em nada.
Só tinha esperança e o pó da estrada.
Também sou Teu povo, Senhor, e estou nessa estrada.
Somente a Tua graça me basta e mais nada.
O povo de Deus também vacilava.
Às vezes, custava a crer no amor.
O povo de Deus chorando rezava,
Pedia perdão e recomeçava.
Também sou Teu povo, Senhor, e estou nessa estrada.
Perdoa se, às vezes, não creio em mais nada.
O povo de Deus também teve fome.
E Tu lhe mandaste o pão lá do céu.
O povo de Deus cantando deu graças.
Provou Teu amor, Teu amor que não passa.
Também sou Teu povo, Senhor, e estou nessa estrada.
Tu és alimento na longa jornada.

(Oração Cristã)

QUANDO VIVEMOS MOMENTOS DRAMÁTICOS da política brasileira: o sepultamento de esperanças e, ao mesmo tempo, o sonho de uma democracia depurada e limpa, perdemos fisicamente Arraes, que morreu como viveu: lutando. *O futuro do povo livre e emancipado, esse nós temos que merecer, que conquistar a cada hora e a cada dia* (Arraes).

Sou um homem marcado, mas esta marca temerária entre as cinzas das estrelas há de um dia se apagar (citação de Arraes de um poema de Joaquim Cardoso, poeta e calculista pernambucano, em *Canto do Homem Marcado*, quando diz: *sou um homem marcado... em país ocupado, pelo estrangeiro*). Sim, ele sempre foi um homem marcado, mas não ficou apenas com esta marca e fez dela o seu escudo. Foi um homem inconformado, como muitos brasileiros, inconformados com a miséria, com a fome, com o analfabetismo e uma crescente dependência externa do país. Contudo, o seu sonho é imortal e não se apagará: o sonho de uma pátria livre e mais igualitária. Um povo não pode despedir-se de sua história.

Ouvi dele, certa vez, que a maior aula de política que teve na vida foi assistir à seca de 1932, no Crato, Ceará, quando viu, na companhia de seu pai, nordestinos morrerem de fome nas estra-

das e nas ruas. Aquela imagem nunca lhe saiu da memória. Essa imagem se assemelha à de Joaquim Nabuco, que nunca esqueceu o escravo caído sob os seus pés, quando ainda criança, no Engenho Massangana, suplicando por ajuda, que lhe inspirou a causa abolicionista, narrada no livro *Minha Formação*.

Arraes entendeu, desde cedo, as dificuldades do povo pobre do Nordeste e a escravidão da miséria:

A propriedade não tem somente direitos, tem também deveres [...]. Não separei mais as duas questões a da emancipação – e a da – democratização do solo. Uma é o complemento da outra. Acabar com a escravidão não nos basta: é preciso destruir a obra da escravidão (Joaquim Nabuco).

Homens como Joaquim Nabuco, Arraes, Josué de Castro, Dom Helder, Julião, dentre outros, compreenderam, desde cedo, que a mais importante das reformas é a social. Sem esta, qualquer outra não tem valor.

Arraes conheceu dos cantadores populares do Nordeste a escritores como Pablo Neruda, Gabriel Garcia Marques e Sartre. Conviveu com vários políticos e homens de pensamento. Teve conversas com Fidel Castro, Yasser Arafat, Miterrand, Mário Soares, Samora Machel, Agostinho Neto, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Salvador Allende, entre outros. Conviveu dos velhos coronéis do Nordeste a líderes como Gregório Bezerra e Julião. Foi uma das testemunhas vivas da Operação Condor, que eliminou diversas lideranças de esquerda na América Latina. Ainda criança, pediu por três vezes a bênção a Padre Cícero, a quem viu rezar por algumas vezes e trazia, na memória, algumas orações. Contudo, foi nas feiras e

nas periferias das cidades que gostava de caminhar e conversar com o povo humilde e sábio de sua terra.

Dr. Barbosa Lima Sobrinho, cuja história se entrelaçou com a de Arraes, tendo-o feito Delegado do IAA e Secretário da Fazenda de Pernambuco, assim sintetizou a luta secular dos que lutam pela afirmação dos valores nacionais:

Através dos séculos, só existem realmente, no Brasil dois partidos, o de André Vidal de Negreiros e o de Calabar. O de Tiradentes e o de Joaquim Silvério dos Reis. O que não transige com o interesse do Brasil e o que atrela o destino do Brasil ao destino de uma nação estrangeira. O que não recua diante de nenhum sacrifício e o que procura se acomodar à missão de dependência e de humilhação, numa vassalagem que ignorou a força e a grandeza de um ideal de autonomia (in Barbosa Lima Sobrinho, presença de Alberto Torres, Rio de Janeiro, ed. Civilização Brasileira, 1968, p. 518 e 519).

Arraes é um símbolo de resistência. Representou e ainda representa a continuidade de uma luta histórica. Guerreiro do povo que nunca fugiu da luta por mais árduas e difíceis que sejam. Enfrentou muitas adversidades. Não negociou, manteve a coerência e a fé. Teve emblematicamente o mesmo número de filhos do personagem bíblico Jó. Arraes foi plantado na terra, no dia dos pais, e essa semente ainda dará muitos frutos. Como disse o poeta Domingos Alexandre: *pela cidade e pelo campo,/pela justiça e pela paz,/cantemos, pois, em um só coro: Miguel Arraes.*

(Artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, 2005)

*Sim, tenho uma teoria:
A da coragem invicta.
Ah! minha velha coragem
Invicta! Perdi brigas e batalhas,
Dias e noites no ócio e na
Devassidão, momentos
De beleza não percebidos,
Sofri remorsos tremendos
E saudades descomuns,
Tristezas portentosas e
Angústias indescritíveis.
Mas nunca fugi, em nenhum
Momento me rendi nem me
Escondi do mundo.
Por isto, minha coragem
É invicta, invicta.
(Maximiano Campos)*

NUNCA SE ENTREGOU. Não correu da luta. Nunca se escondeu do mundo. Assim, sua coragem foi invicta. Falo do homem e jurista Ricardo Fiúza, que tive o prazer de conhecer mais de perto nos últimos dois anos e com ele conversar algumas vezes, em Terra de Santa Fé (Gravatá), local que fez lugar sagrado para viver e sonhar com os filhos e a esposa D. Ilze.

Era um homem de grande afetividade, de cultura e que sabia cativar as amizades. Já adoentado ligava, semanalmente, para mim para saber da saúde de Dr. Arraes, que, na época, estava internado. As diferenças políticas nunca inviabilizaram a amizade dos dois, cuja amizade vinha do pai de Ricardo Fiúza.

Cervantes, esse grande escritor espanhol, disse, certa vez, que quando o homem perde uma propriedade, ele perde alguma coisa. Quando perde um amigo, ele perde muita coisa. Quando perde a coragem, ele perde tudo. Uma das características fundamentais de Fiúza foi a de enfrentar as adversidades políticas e mesmo pessoais. Sempre admirei a sua coragem.

Consagrou sua atuação parlamentar de 08 legislaturas sendo relator do novo Código Civil, que é a constituição do cida-

ção. A classe de advogados perdeu um combatido defensor no Congresso Nacional.

Antes de adoecer, estava lendo livros sobre a formação do povo brasileiro e pretendia escrever algo em torno do assunto, o que foi objeto de uma longa conversa comigo.

Foi Santo Agostinho que nos ensinou que a morte é apenas estar do outro lado do caminho:

A morte não é nada. Eu somente passei para o outro lado do Caminho. Eu sou eu, vocês são vocês. O que eu era para vocês, eu continuarei sendo. Me dêem o nome que vocês sempre me deram, falem comigo como vocês sempre fizeram. Vocês continuam vivendo no mundo das criaturas, eu estou vivendo no mundo do Criador. Não utilizem um tom solene ou triste, continuem a rir daquilo que nos fazia rir juntos. Rezem, sorriam, pensem em mim. Rezem por mim. Que meu nome seja pronunciado como sempre foi, sem ênfase de nenhum tipo. Sem nenhum traço de sombra. A vida significa tudo o que ela sempre significou, o fio não foi cortado. Por que eu estaria fora de seus pensamentos, agora que estou apenas fora de suas vistas? Eu não estou longe, apenas estou do outro lado do Caminho...

Afinal, a coragem invicta de Fiúza o imortalizou na sua passagem pela vida terrena a demonstrar que a morte não é nada e é apenas um outro lado do caminho.

(Artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, 2005)



○ autor

BREVE FORTUNA CRÍTICA

“Na verdade, ninguém pode estranhar ou ficar admirado. Desde criança, Antônio se acostumou a conviver com os livros, com as palavras, com a poesia, enfim. Ali no canto da sala e observando o pai, o romancista Maximiano Campos, a ler também ou a conversar com os amigos sobre a arte da literatura. Olhos e ouvidos acesos para o mundo e para o texto. As palavras lhe chegavam como o vento e com a luz...”

Uma leitura, sem dúvida agradável. Que fará sempre companhia a todos nós. Nos momentos em que precisamos de paz, de tranquilidade e pacificação. Há escritores que têm esse dom: o de acalmar os ânimos, o de provocar a reflexão, o de dominar situações.” (Raimundo Carrero, *in A Leveza de Antônio Campos*, prefácio do livro *Viver é Resistir*, Edições Bagaço, 2005).

“O advogado Antônio Campos, além do alto saber jurídico que detém, da obrigação de exercer com dignidade a missão do bacharel, que é aplicar o direito em benefício do cidadão; além de dirigir um dos mais eficientes e bem organizados escritórios de advocacia do Brasil, ele, Antônio Campos é um humanista, uma pessoa preocupada com o cotidiano, com a violência, com o amor, com a exclusão social e com as raízes pernambucanas.” (Flávio Chaves, in *O Humanista Antônio Campos*, prefácio do livro *Mensagens*, Edições Bagaço, 2002).

“Antônio Campos é um escritor que alia profundamente com simplicidade, erudição com estilo fácil, pois tudo que é simples é profundo e denso. Seu texto, dialoga com a literatura universal, viaja pelo pensamento ocidental e mergulha profundamente nos mistérios da alma humana, essa insondável e indecifrável criatura.” (Carlos Alberto Jales, Professor de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB)

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS

Antônio Campos nasceu, em 1968, no Recife, onde se formou em Direito em 1990. É advogado militante especializado em Direito Empresarial e do Entretenimento; co-fundador do Instituto de Direito Privado da Faculdade de Direito do Recife; membro da União Brasileira de Escritores (UBE), Seção Pernambuco; conselheiro da Associação de Imprensa de Pernambuco (AIP); membro Suplente da 3ª Câmara do 2º Conselho de Contribuintes da Receita Federal; palestrante honorário da Escola Ruy Antunes da OAB/PE, na cadeira de Direito Eleitoral; autor de artigos e ensaios publicados em periódicos, revistas e jornais.

Preside o Instituto Maximiano Campos (IMC), sociedade civil voltada para a valorização da cultura brasileira, especialmente a literatura, com ampla atuação em Pernambuco e na região nordestina, cujas atividades podem ser visualizadas por meio do site www.imcbr.org.br.

PUBLICOU SETE LIVROS:

Mensagens. Recife: Edições Bagaço, 2002, seleta de artigos.

Pense S. A. Recife: Edições Bagaço, 2002, acerca de planejamento estratégico e melhoria organizacional.

O Grande Portal. Recife: Edições Bagaço, 2003, seleta de artigos e ensaios.

Direito Eleitoral. Eleições 2004. Recife: Edições Bagaço, 2004.

A Arte de Advogar. Recife: Edições Bagaço, 2004, plaquete.

Viver é Resistir. Recife: Edições Bagaço, 2005.

Pernambuco, Terra da Poesia. Um painel da poesia pernambucana dos séculos XVI ao XXI. São Paulo: Escrituras, 2005, com reedição em 2006, co-organizador.

Acesso à obra do autor também pelo site: www.antoniocampos.com.br



ANTÔNIO CAMPOS

Rua do Chacon, 335, Casa Forte
52061-400 – Recife – PE – Brasil
Fones/fax: [55] 81 3267.5787/3304.7342

Na internet:

camposad@camposadvogados.com.br
www.camposadvogados.com.br
www.imcbr.org.br
www.antonio campos.com.br

Este livro foi composto na fonte *Goudy Old Style*,
corpo 11/16, pela designer Patrícia Lima,
para o Instituto Maximiano Campos,
no Recife, no outono de 2006.

ISBN 85-373-0123-3



Ao longo dos tempos, cartas chegaram até nós, que nos revelam fatos, pessoas, ensinamentos. Como as cartas que os apóstolos escreveram para as igrejas em formação. As cartas do romano Cícero à sua Terência. Mais recente, as cartas de Rainer Maria Rilke ao jovem poeta Kappus, de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, Cartas ao Mundo de Glauber Rocha, entre tantas outras. Escrever um livro é como mandar cartas aos amigos. Por que se escreve uma carta? Porque não se pode falar, nem calar.



Instituto maximiano campos

